



EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESTÁGIO SUPERVISIONADO COM CRIANÇAS

José Ywgne Vieira do Nascimento¹
David Barros Marques²
Janaila dos Santos Silva³

RESUMO

Este artigo trata de uma experiência de Estágio Supervisionado em Educação Física na Educação Infantil. De um modo geral, consideramos o estágio como um momento fundamental na formação de professores, permitindo uma colaboração entre a Universidade e os contextos profissionais. Na Educação Infantil, faz-se necessário dar relevância à parceria com a Educação Física, no sentido de potencializar as vivências das crianças com a cultura corporal numa sociedade que tende a privilegiar o aspecto racional do desenvolvimento. Assim, durante o Estágio Supervisionado 1, organizamos um projeto de intervenção junto a um grupo de 23 crianças, com idades entre 5 e 6 anos, de uma escola do agreste alagoano. Adotamos os jogos e brincadeiras como o conteúdo da cultura corporal a ser trabalhado e, numa abordagem construtivista, organizamos as intervenções, que ocorreram em 5 encontros de 5 horas cada. Nosso objetivo geral foi vivenciar diferentes jogos e brincadeiras no espaço educacional, diversificando as possibilidades de desenvolvimento das crianças. Como objetivos específicos, destacamos: enriquecer as experiências infantis com música e movimento; contribuir com o trabalho em equipe; exercitar a coordenação motora ampla; potencializar a autonomia. Utilizamos recursos expressivos e simbólicos para que as crianças pudessem registrar sua compreensão das experiências vividas. Podemos afirmar que o Estágio Supervisionado 1, referente à Educação Física na Educação Infantil, permitiu a reflexão crítica acerca da prática, de forma contextualizada, contribuindo para o desenvolvimento da identidade docente em Educação Física, mais especificamente com crianças pequenas.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado, Educação Física, Crianças, Cultura Corporal, Ludicidade.

¹ Graduando do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, joseywgne@gmail.com;

² Graduando pelo Curso de Educação Física da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, davidbarros_marques@hotmail.com;

³ Professora do Estágio Supervisionado 1, do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, janailasilva@hotmail.com;



INTRODUÇÃO

Neste artigo, colocamos em debate a experiência de Estágio Supervisionado 1, no curso de licenciatura em Educação Física, na Universidade Federal de Alagoas. É importante explicitar que neste curso, de um modo geral, o estágio curricular obrigatório está organizado da seguinte forma: Estágio Supervisionado 1, na Educação Infantil; Estágio Supervisionado 2, no Ensino Fundamental 1, Estágio Supervisionado 3, no Ensino Fundamental 2; e, Estágio Supervisionado 4, no Ensino Médio.

Nesse sentido, busca-se estabelecer uma relação de parceria e colaboração com as instituições públicas da Educação Básica, de modo que tanto os estudantes como professores possam produzir e dialogar acerca de novas possibilidades de intervenção junto a crianças e adolescentes, mais especificamente, no que se refere à cultura corporal.

O sentido do estágio que adotamos está de acordo com a concepção de Pimenta e Lima (2009) que destacam a importância de refletir criticamente a prática, rompendo com automatismos, de modo a contribuir com o desenvolvimento da identidade docente e com as didáticas específicas. Em outras palavras, ao se permitir o contato com a realidade docente e mediado pelos diálogos de supervisão, o estagiário de Educação Física pode refletir sobre a docência específica deste campo do conhecimento, elaborar novas possibilidades de atuação, potencializando o compromisso social e inclusivo de sua profissão na sociedade.

O Estágio Supervisionado 1, que discutiremos neste artigo, ocorreu na Educação Infantil, numa escola pública de tempo integral, localizada na parte periférica da cidade de Arapiraca-AL. Neste município do agreste alagoano, não encontramos professores de Educação Física atuantes na Educação Infantil. Problema este recorrente em outros estados brasileiros, que negligenciam o ensino da Educação Física Escolar (EFE) para as crianças. Importante enfatizar tal questão, pois isto torna o trabalho de estágio de Educação Física na Educação Infantil, na região, uma iniciativa de grande relevância da Universidade para as crianças, que muitas vezes tem seu conhecimento sobre cultura corporal limitado tanto pelo uso excessivo de jogos digitais em celulares, tablets e computadores, como pela própria desvalorização nas escolas das experiências corporais como possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento. Diante desta problemática, buscamos contribuir com o desenvolvimento das crianças por meio do nosso projeto de intervenção, que teve como objetivo geral: vivenciar diferentes jogos e brincadeiras no



espaço escolar, diversificando as possibilidades de desenvolvimento psicomotor das crianças e, ao mesmo tempo, desafiando as experiências que as crianças já possuem. Como objetivos específicos, podemos citar: enriquecer as experiências infantis com música e movimento; contribuir com o trabalho em equipe e com o comportamento cooperativo; exercitar a coordenação motora ampla; potencializar o poder de decisão infantil e a autonomia.

O Estágio Supervisionado 1 se iniciou com rodas de conversa com a professora supervisora, onde pudemos discutir sobre nossas memórias de infância em contextos educacionais, sobre o lugar da criança na sociedade, bem como sobre os aspectos envolvidos no olhar e escutar crianças, no sentido de refletirmos criticamente sobre as relações de dominação etária, marcantes em nossa sociedade de tendência adultocêntrica. Nesse sentido, cabe dizer que a concepção de criança que norteou nossa atuação estava em consonância com as políticas que regem esta etapa da educação básica no país, como podemos observar:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010, p. 10).

Nesse sentido, é importante frisar que, embora nossa atuação como estagiários tenha sido em Educação Física, foi necessário considerar os princípios desta etapa da Educação Básica em que estávamos inseridos, a Educação Infantil, para dialogarmos com os professores da instituição e melhor organizarmos nosso trabalho com as crianças. Dessa forma, vale lembrar que a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) defende que a Educação Infantil esteja regida por direitos de aprendizagem e desenvolvimento, quais sejam: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Tais direitos foram considerados em nossa metodologia de intervenção que será apresentada a seguir.

METODOLOGIA

Nossas opções metodológicas são coerentes com os princípios da abordagem construtivista em Educação. Nesta abordagem, compreende-se que a inteligência simbólica é constituída pelas interações entre os sujeitos e o mundo ao seu redor. É por



meio da ação e da experimentação que a criança constrói esquemas mentais de atuação criativa no mundo, desenvolvendo imagem corporal e sentidos acerca dos objetos do seu mundo (SEBER, 1997). Nesse sentido, **ouvir a criança, dialogar e dar oportunidade para vivenciar** experiências com a cultura corporal foram estratégias fundamentais de nossa ação pedagógica.

De modo geral, o estágio supervisionado 1 envolveu 3 grandes momentos: encontros de supervisão, visita de observação do contexto de estágio e, finalmente, intervenção. Nossa intervenção envolveu um grupo de 23 crianças, sendo 16 meninos e 7 meninas, com idade entre 5 e 6 anos. Adotamos jogos e brincadeiras como conteúdo pedagógico de nossos encontros com as crianças, que foram 5, com 5 horas cada.

Os jogos e brincadeiras desenvolvidos com as crianças foram escolhidos por meio de uma observação inicial das necessidades, bem como do diálogo com as crianças sobre seus interesses. Ao final de cada intervenção, realizamos avaliações, utilizando recursos simbólicos e expressivos, como desenhos e fotografia. Apresentaremos a seguir os temas desenvolvidos nas intervenções com as crianças:

1º Encontro: Jogos Cantados;

2º Encontro: Jogos com Corda;

3º Encontro: Jogos “Número, Gesto e Movimento”;

4º Encontro: Jogos: “Morto/Vivo”, “Queimada”; “Curupira”;

5º Encontro: Circuito.

REFERENCIAL TEÓRICO

Há algum tempo um debate muito complexo vem sendo realizado, referente ao papel de professores de Educação Física Escolar (EFE) na Educação Infantil e no ensino fundamental. Tendo dois pontos de discussão: primeiro, a inserção dos professores de Educação Física para atuar paralelamente ao pedagogo e, segundo, continuar com a atual estrutura, ou seja, com apenas pedagogos atuando na Educação Infantil. Tal estrutura é defendida pois tem em vista menos fragmentação na formação das crianças. (FREIRE, 2010). Mas será que realmente seria esse posicionamento que tira a EFE, da Educação Infantil? Pensamos que não, pois como diz Freire (2010, p.72):

[...] a ideia romântica e ingênua de se preservar a criança do contato com os outros professores que não os da sala de aula, na formação promovida pela



escola, carece de fundamentos realistas, pois, longe de depender apenas da escola e de seus professores para adquirir conhecimentos, a criança aprende, talvez até mais, com a família, a televisão, o rádio, revistas, amigos, objetos, brinquedos e assim por diante.

Como podemos ver no Artigo 26, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (1996): A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação infantil e do ensino fundamental. Ou seja, ao se retirar a Educação Física das experiências infantis, é possível dizer que está sendo negligenciada a construção de condições para o acesso a um conhecimento que é obrigatório. Nesse sentido, Freire (2010, p. 73) corrobora que “o mais importante e fundamental é que a criança não seja privada da Educação Física a que tem direito”.

Compreendemos que a Educação Física tem um papel fundamental na Educação Infantil, tendo em vista a possibilidade de poder proporcionar às crianças uma diversidade de experiências que elas mesmas são capazes de criar, seja por descobrir novos movimentos ou pensando em novas formas de se movimentar (BASEI, 2008). A prática do movimento é um caminho para que a criança possa compreender melhor suas habilidades motoras e, com isso, consiga realizar atividades tanto dentro quanto fora da escola com maior eficácia (ETCHEPARE; PEREIRA; ZINN, 2003)

Com isso, compreendemos que os movimentos corporais são para as crianças, um meio de comunicação, de expressão e de interação social, ou seja, o corpo fala, cria e aprende com o movimento (SIMÃO, 2005; BASEI, 2008).

Contudo, o que ensinar? Como ensinar? Estas são perguntas que permeiam o pensamento de um professor, seja no início da profissão ou quando já se tem mais experiência. Na formação inicial, refletir e vivenciar estas questões é essencial para desenvolver melhor qualificação.

Na EFE, o “como ensinar”, ou seja, quais abordagens teórico metodológicas seguir, é um assunto muito discutido pela literatura da área; e tendo em vista sua complexidade, existem diversas abordagens da Educação Física que contribuem com tal questão. Darido e Rangel (2011) traz algumas delas: Psicomotricidade; Abordagem Desenvolvimentista; Construtivista; Crítico Superadora; Crítico Emancipatória; Saúde Renovada; e os PCNs. Tais abordagens possuem pelo menos uma coisa em comum: sistematização dos conteúdos. Porém em quase sua totalidade se diferem. Escolhemos



trabalhar com a teoria Construtivista. Nesse sentido, cabe esclarecer que para Darido & Ragel (2011, p. 11):

[...] a abordagem construtivista possibilita maior integração com uma proposta pedagógica ampla e integrada da Educação Física no início da Educação Básica [...] O construtivismo na área de Educação Física tem o mérito de considerar o conhecimento que o aluno previamente já possui, resgatando sua cultura de jogos e brincadeiras [...] O jogo tem o papel privilegiado nessa proposta, considerando seu principal conteúdo, porque, enquanto joga ou brinca, a criança aprende em um ambiente lúdico e prazeroso.

Vale também considerar que conforme Coll et al (2010, p. 19):

Para a concepção construtivista, aprendemos quando somos capazes de elaborar uma representação pessoal sobre um objeto da realidade ou conteúdo que pretendemos aprender.

E foi com base nestes princípios de integração à proposta pedagógica da escola, a valorização dos jogos e brincadeiras e dos conhecimentos prévios das crianças que buscamos desenvolver nossas atividades como estagiários; cooperando com a criança e ajudando-a nesse processo de construção de representações acerca do mundo e do próprio corpo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o período de observação percebemos que a maioria das crianças tinha uma relação próxima com o brincar, seja por meio eletrônico (boa parte delas) ou brincadeiras populares e com brinquedos (boneca, bola, corda). Durante o período de intervenção, pudemos observar alguns aspectos: a) as crianças trazem consigo um saber sobre brincar; b) as crianças que relataram brincar na rua diariamente possuíam mais facilidade de executar tarefas como: saltar, pular, andar sobre uma superfície limitada, arremessar; c) nenhuma criança tinha tido aula de educação física na escola até então; d) algumas crianças começaram a demonstrar características como (liderança, responsabilidade, empatia, trabalho em equipe).

Cada criança traz consigo vivências de brincadeiras que perpetua em seu convívio com a sociedade, levando para a escola todo seu conhecimento, que pode ser desenvolvido e/ou aperfeiçoado. Por exemplo, algumas crianças, durante o recreio, chamaram os estagiários para demonstrar um movimento denominado por elas de “plantar bananeira”. Tal movimento é trabalhado no conteúdo ginástica com a denominação “Parada de mãos”. Então, os estagiários perguntaram onde tinham



aprendido tal acrobacia, e a resposta foi, “aprendemos na rua”. Este fato nos chamou atenção, pois indicava que essas crianças já conseguiam ter um repertório motor significativo; entretanto, o questionamento que ficou foi: se incluíssemos aulas de Educação Física na Educação Infantil e Fundamental 1, o desenvolvimento do repertório motor das crianças seria ainda mais amplo?

Observamos que as crianças que brincavam na rua diariamente tinham mais facilidade em participar das brincadeiras, conseguiam desempenhar os movimentos com mais destreza motora, o que parece estar relacionado com maior auto confiança e maior motivação para participar das aulas efetivamente.

Na segunda aula de intervenção, foi trabalhado jogos com corda. Sobre esta aula, é relevante destacar que uma criança não conseguiu pular a corda corretamente na primeira vez, assim pedimos que a mesma fosse outra vez e, novamente, não teve êxito. A criança então falou: “eu não vou conseguir, não quero mais tentar, não sei pular corda”. No mesmo momento, nós pedimos que tentasse de outro jeito, explicando-lhe que é comum não conseguir na primeira vez. A criança tentou novamente e, dessa vez, conseguiu. Em seguida, falou-nos: “muito obrigado, eu consegui, eu sei pular corda” e, com um sorriso no rosto, foi para o fim da fila esperar sua vez novamente. A figura abaixo retrata o momento mencionado.

Figura 1: Jogos com corda.



Fonte: Observação dos estagiários.

Em nosso último encontro, desenvolvemos um circuito psicomotor, tínhamos que essa aula seria a mais desafiadora, pois levaria as crianças a trabalharem em grupo e na

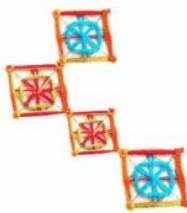


avaliação serem críticos em relação o que foi feito. Tal circuito tinham seis fases: 1) pular sobre os desenhos que estavam colados no chão (desenhos de pés coloridos); 2) andar sobre uma corda que estava no chão; 3) passar por baixo de um obstáculo (uma corda fixada entre duas cadeiras, com altura de 30cm); 4) separar papéis por sua determinada cor; 5) pular nos círculos demarcados no chão; 6) correr para o início do trajeto. Percebemos que algumas crianças tiveram dificuldades de realizar movimentos simples, nas fases 2 e 5, entretanto todas conseguiram terminar o trajeto e era perceptível a empolgação e a felicidade, o que foi muito gratificante.

E, para encerrar, foi proposto que cada equipe desenhasse em um papel quarenta como foi tal experiência nos mínimos detalhes. Os resultados superaram todas as expectativas, tendo em vista que as crianças ao desenhar conseguiram expressar o que aquele circuito representou para elas. Algumas delas mesmo com dificuldades em desenhar, conseguiram arrumar um jeito de fazer, como, por exemplo: uma das crianças não estava conseguindo desenhar o pé para representar a fase 1, então ela fala para o colega “segura aí o papel, vou desenhar assim”, colocando o pé no papel quarenta, para desenhar tendo como molde o seu próprio pé, a fim de poder expressar sua percepção sobre o que viveu por meio da linguagem não verbal.

Ademais, obtivemos um resultado satisfatório, haja vista as adequações e adaptações à realidade da escola. Podemos constatar que, juntamente com as aulas já desenvolvidas pela professora da turma e as aplicações e intervenções feitas, houve maior socialização e participação de todos as crianças em todas as atividades que propomos, juntamente com o entusiasmo e alegria, elas faziam as atividades sem perceber, ou distinguir as práticas das brincadeiras. Todas as práticas foram de grande valia, tanto para aproximação das crianças às práticas sistematizadas de EFE, como para ampliar nossas experiências por meio do contato com a realidade educacional. Esta relação de aprendizagem mútua entre aprendizes e professores tem o poder de renovar o entusiasmo nas práticas educacionais e potencializar os olhares para melhores realidades possíveis, ou seja, mais inclusivas, participativas e valorizando o desenvolvimento integral.

Para compreender a importância das intervenções realizadas, é preciso considerar que atualmente a forma de brincar vem sendo modificada principalmente pelo “crescente número de horas diante da televisão, especialmente por parte das crianças e adolescentes, o que diminui a atividade motora, leva ao abandono da cultura de jogos infantis e favorece



a substituição da experiência de praticar esporte pela cultura de assistir esporte”. (BETTI; ZULIANI, 2002, p. 74). Isso é consequência do:

Estilo de vida gerado pelas novas condições socioeconômicas (urbanização descontrolada, consumismo, desemprego crescente, informatização e automatização do trabalho, deterioração dos espaços públicos de lazer, violência, poluição) leva um grande número de pessoas ao sedentarismo, à alimentação inadequada, ao estresse, etc. (BETTI; ZULIANI, 2002, p. 74).

E temos que “é tarefa da Educação Física preparar o aluno para ser um praticante lúcido e ativo, que incorpore o esporte e os demais componentes da cultura corporal em sua vida, para deles tirar o melhor proveito possível” (BETTI; ZULIANI, 2002, p. 75). Entretanto o ensino da Educação Física nas primeiras etapas da educação básica é negligenciado em muitos estados e municípios brasileiros, o que pode trazer consequências para o desenvolvimento das crianças. Tendo em vista que a atividade corporal é um elemento fundamental para as crianças, quando há um estímulo psicomotor adequado e diversificado, há também um desenvolvimento cognitivo, afetivo e social (BETTI; ZULIANI, 2002).

A Educação Física na Educação Infantil pode representar para uma criança a ampliação de seus movimentos (SAYÃO, 2002), com implicações em toda sua vida. Como no relato da criança que conseguiu pular corda pela primeira vez. Pensamos que a alegria daquele momento poderá ficar marcada nas experiências educacionais da criança e representar, a longo prazo, uma ampliação de seu movimento no mundo. Ressaltamos também a importância de observar que cada criança tem suas especificidades, sua maneira de pensar, de agir, de brincar, de falar, de se movimentar. É através do seu corpo que a criança apreende e explora o mundo, seja pela relação com o outro ou com o meio em que vive (BASEI, 2008).

Dada a importância de se ter aulas de Educação Física na Educação Infantil, destacamos o estudo feito por Rodrigues et al (2013) com 50 crianças de 4 a 6 anos, de uma escola de Guarulhos – SP, onde 25 crianças passaram um ano tendo aulas de Educação Física, ministrada por um professor da área, e as outras 25 tiveram aula de Educação física com o professor responsável pela turma. Os resultados mostram que os alunos que tiveram aula com o professor de Educação Física apresentaram uma manutenção nos níveis de atividade física e uma melhora no desenvolvimento das habilidades motoras, entretanto as crianças que tiveram aula de Educação Física com o professor responsável pela sala tiveram uma redução no nível de atividade física.



Destacamos, também, uma revisão sistemática feita por Silva; Leão; Oliveira (2019) onde buscou-se identificar o papel da Educação Física no desenvolvimento motor em crianças de 3 a 6 anos na Educação infantil. Os resultados evidenciaram que o ensino da Educação Física na educação infantil possibilita uma melhora no desenvolvimento motor, visando assim uma melhor aprendizagem em movimentos futuros. Fica evidente, também a importância da disciplina como uma ferramenta de ensino-aprendizagem, e que pode proporcionar às crianças uma aprendizagem lúdica, prazerosa e eficaz.

Defendemos assim que haja Educação Física na Educação Infantil, e que a mesma seja:

Comprometida com o respeito aos interesses, necessidades e direitos dos meninos e meninas na faixa etária de 0 a 6 anos, deve permitir que os mesmos desempenhem um papel mais ativo em seus movimentos, respeitando os seus interesses e necessidades e que, nesta faixa etária, só pode se caracterizar pela brincadeira, ampliando assim as culturas infantis de movimento. (SIMÃO, 2005, p. 169)

Sendo assim, faz-se necessário que seja revista a não inserção dos professores de Educação Física na Educação Infantil, tendo em vista sua importância para o desenvolvimento motor, afetivo e social das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que o Estágio Supervisionado 1, da Educação Física na Educação Infantil, foi muito importante para nossa formação acadêmica, profissional e pessoal. Podemos ver de perto como é ser uma professor, como é atuar na área, como superar as dificuldades do dia a dia, como planejar e (re)planejar. Tais aprendizados são únicos e especialmente proporcionados por esta relação formativa entre teoria e prática.

Pudemos observar que as crianças têm suas especificidades e, diante delas, em nossa prática docente, é preciso organizar e planejar uma metodologia que contemple as necessidades de expressão infantis específicas.

Finalmente, frisamos a importância da Educação Física nesta primeira etapa da Educação Básica, pois ela pode contribuir com o desenvolvimento integral das crianças.



AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e aos gestores da Escola Mário César Fontes, por toda a contribuição para conseguirmos desenvolver os trabalhos. Agradecemos à pedagoga da turma de crianças e à professora supervisora do Estágio, por toda atenção e apoio.

REFERÊNCIAS

BASEI, A. P. A Educação Física na Educação Infantil : a importância do movimentar-se e suas contribuições no desenvolvimento da criança. **Iberoamericana de Educación**, n. 47/3, p. 12, 2008.

BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, n. 1, p. 73–81, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018. Disponível em:<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso em 27 de março.

COLL, César; MARTÍN, Elena; MAURI, Teresa; MIRAS, Mariana. **O construtivismo na sala de aula**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2010. 221 p. ISBN 978-85-08-06197-6.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan LTDA, 2011. 292 p. ISBN 978-85-277-1757-1.

ETCHEPARE, L. S.; PEREIRA, É. F.; ZINN, J. L. Educação Física nas séries iniciais do Ensino Fundamental. **Revista de Educação Física**, v. 14, n. 1, p. 59–66, 2003.

FREIRE, João Batista. **Educação de Corpo inteiro: Teoria e prática da Educação Física**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2009. 199 p. ISBN 978-85-262-7689-5.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. (ORGS). **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2009.

RODRIGUES, D. et al. Desenvolvimento motor e crescimento somático de crianças com diferentes contextos no ensino infantil. **Motriz. Revista de Educação Física**, v. 19, n. 3, p. 49–56, 2013.



SAYÃO, Deborah Thomé. Grupo de estudos em Educação Física na Educação Infantil: alguns aspectos do trabalho pedagógico. **Motrivivência**, v. 0, n. 17, p. 1–7, 2002

SEBER, M. da G. Piaget: **o diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio**. São Paulo: Scipione, 1997.

SIMÃO, M. B. EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: refletindo sobre a “hora da educação física”. **Motrivivência**, v. 0, n. 25, p. 163–173, 2005.

SILVA, R. R. DOS S.; LEÃO, I. C. S.; OLIVEIRA, D. DA S. O desenvolvimento motor de crianças de 3 a 6 anos na Educação Infantil aplicado a Educação Física Escolar. **Revista brasileira de Esporte Coletivo**, v. 3, n. 2, p. 7–15, 2019.